

# Escrevendo formas e caminhos

Bárbara Pombo

2008 é o ano do centenário da imigração japonesa no Brasil. De pequenas colônias a grandes bairros, como o da Liberdade em São Paulo (povoado majoritariamente por descendentes de japoneses), os nikkeis (descendentes de japoneses) ajudaram e ajudam a construir o Brasil, marcados pela influência da forte cultura da terra do sol nascente.

O resultado da herança e tradições vindas da família e vida cotidiana no Brasil delimitaram formas. Uma delas está exposta no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, a partir do trabalho da artista plástica Érica Kaminishi.

Gravuras e grafites foram construídos pelas palavras — uma tendência marcante na obra da nikkei. Assim, de longe, percebe-se na pintura dos painéis apenas a superfície das curvas e formas dos rios que permeavam a cidade de Tóquio, representados no mapa da Era Edo (1603-1868).

Mas com o olhar mais atento, essas superfícies revelam versos do poeta português Fernando Pessoa: "Qualquer caminho leva a toda parte", escritas com letras bem pequenas em caneta tinteiro e esferográfica ou cobertas por ideogramas japoneses.

A exposição *Caminhos In(versos)* se baseia no trajeto de vida da artista: Japão — Brasil — Japão. O primeiro é um Japão imaginário, estampado no sobrenome e na aparência de Érica, conhecido a partir de fotos e de histórias infantis narradas pela família Kaminishi. Já o segundo caminho é o inverso ao desta família, é entre Brasil — Japão. E foi do Japão, onde mora atualmente, que a londrinese conversou com o LONA, por e-mail.

**Como surgiu a idéia de pintar utilizando palavras?**

Esta idéia de usar palavras ou criar formas através das palavras surgiu no início da minha "carreira" há uns 9 anos, quando eu acabava de voltar ao Brasil, após quatro anos morando fora (3 anos no Japão e 1 ano na Inglaterra). Logo que cheguei, sentia-me deslocada culturalmente: uma estrangeira no meu próprio país. O único refúgio que tinha para não perder a sanidade mental era a leitura e os diários/desenhos. Aos poucos a idéia do diário foi se transformando em desenhos avulsos feitos em papéis, telas, e depois em experimentos com diversos tipos de materiais: parafina, resina, etc. Sempre utilizando a palavra como elemento composicional.

Sempre gostei muito de escrever, e acredito que a palavra carrega uma simbologia muito forte que está relacionada com a noção de identidade. Muitos escrevem diários como uma forma de alívio de consciência ou para conversarem com o seu eu interior, outros trocam cartas ou e-mail com um amigo. Desta forma, acredito que a palavra surge como um símbolo de compreensão e comunicação entre eu e eu mesmo, entre eu e o outro, além de nos identificar em uma determinada cultura, origem e meio social.

**Por que a escolha de mapas da Era Edo?**

Os mapas foram um "achado". Eu os encontrei numa feira de livros no centro de Tóquio quando estava "descobrimo" a cidade, e acredito que eles possuem muitos elementos simbólicos da cultura japonesa. É possível analisar não só os elementos físicos da cidade de Edo (Tóquio) de 200 anos atrás, como também suas origens, seus povos e suas tradições. No mapa, que também está exposto no MAC, estão descritos os sobrenomes das famílias abastadas, o comércio local e os templos religiosos: um google map feudal.

Então, para mim, o mapa simboliza a cultura japonesa

como um todo. Ao recortá-la e transformá-la em colagens, dou um novo significado e crio um novo mapa, uma nova cidade com uma visão muito pessoal. Por que pessoal?

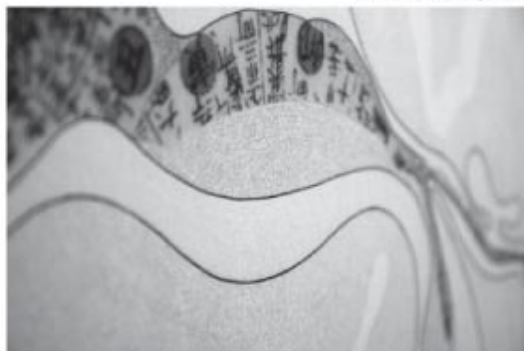
No Brasil, os descendentes de japoneses geralmente crescem e são considerados "japoneses": estão acostumados a comer comida japonesa, ouvir o idioma dentro de casa e seguir certos rituais e tradições típicas do povo japonês. Minha mãe é nissei, a segunda geração nascida no Brasil e ela cresceu num ambiente muito mais fechado e isolado que o da minha geração e acreditava que o Japão era o seu país de origem. Os hábitos e os costumes que ela aprendeu com a minha avó foram passados para mim e meus irmãos. E a minha infância foi repleta de histórias infantis, músicas e brincadeiras japonesas. Então, o Japão era o país imaginário sempre presente dentro de casa, mas que ninguém conhecia.

Quando eu vim para o Japão pela primeira vez foi um choque cultural muito grande. Aquele país que até então eu tinha conhecimento, na verdade era apenas uma lembrança da minha infância. Assim, quando eu recorto o mapa e o transformo em minhas direções, de uma forma lúdica posso caminhar, entrar nas casas e navegar pelos rios do "meu" Japão.

**A Era Edo foi um período de isolamento do Japão. Diferentemente do que acontece hoje, principalmente na relação Brasil-Japão. Você acredita que intercâmbios culturais valorizam a arte de cada país ou tiram a identidade cultural e, consequentemente, as manifestações artísticas de cada lugar?**

Acredito que dentro da arte contemporânea ou da cultura em geral é importante sim estes intercâmbios, mesmo porque "nenhum homem é uma ilha". Até mesmo aqui no Japão, que é um arquipélago totalmente isolado.

Bárbara Pombo/ LONA



Uma das obras expostas no MAC

Mas os intercâmbios só são válidos quando temos conhecimento das nossas origens e tradições. Acredito que a arte está intimamente ligada à vida pessoal do artista/criador: suas origens, seus conhecimentos e seu meio social. Antes de ser global, o artista precisa ser local, ele precisa pensar e ter consciência da sua realidade, mesmo que ele more lá no interior não sei onde... Mas para ser local também, é preciso estudar, pesquisar, ter curiosidade e ir além do olhar comum.

As manifestações artísticas se perdem porque muitos não valorizam ou têm consciência da riqueza destas tradições. O Brasil possui uma cultura riquíssima, mas muitas vezes o que é popular, caipira ou cultura do interior não é considerado "cultura" nobre, e fica fora do circuito intelectual.

Tenho uma grande admiração e me identifico muito com a cultura japonesa. Aqui, o artesanato tradicional é considerado arte nobre e tão valorizado quanto a arte contemporânea. O teatro, a música e todas as outras manifestações artísticas tradicionais foram desenvolvidas particularmente no período da Era Edo, e ainda hoje são prestigiadas e respeitadas. E a arte contemporânea japonesa carrega toda esta bagagem tradicional, além dos elementos globais como toda manifestação contemporânea.

nea.

**Depois de descobrir o Japão com seus próprios olhos, alguma coisa mudou no seu trabalho? Houve alguma influência?**

Sempre há uma influência. Acho que em qualquer lugar que eu vá, sempre vou absorver e depois transformar em matéria-prima para os meus trabalhos. Mas o Japão, em particular, possui uma relação muito mais forte com o meu trabalho e com a minha vida.

**O crítico de arte e professor da Universidade Seian de Arte e Design no Japão Takeshi Kanazawa afirmou ficar surpreendido com as "interpretações da cultura japonesa pelos nikkeis não japoneses, interpretação esta que nem os japoneses seriam capazes de fazer". Morando hoje no Japão, você concorda com isso?**

Sim. Talvez seja porque os nikkeis que moram no Brasil possuem a vantagem de terem o olhar brasileiro e o japonês. Acho que os nikkeis podem ter tanto a ginga no pé como também a paciência digna de um monge budista. No meu caso, acredito que os ensinamentos da minha mãe foram extremamente importantes para a minha formação como pessoa e como artista. É preciso ter muita paciência para escrever e escrever...

### - Como surgiu a idéia de pintar utilizando palavras?

Esta idéia de usar palavras ou criar formas através das palavras surgiu no início da minha “carreira” há uns 9 anos, quando eu tinha acabado de voltar ao Brasil, após quatro anos morando fora (3 anos no Japão e 1 ano na Inglaterra). Logo que cheguei, sentia-me deslocada culturalmente: uma estrangeira no meu próprio país, e o único refúgio que tinha para não perder a sanidade mental era a leitura e os diários/desenhos. Aos poucos a idéia do diário foi se transformando em desenhos avulsos feitos em papéis, telas, e depois em experimentos com diversos tipos de materiais; parafina, resina... E sempre utilizando a palavra como elemento composicional.

Sempre gostei muito de escrever (literalmente), e acredito que a palavra carrega uma simbologia muito forte que está relacionada com a noção de Identidade. Muitos escrevem diários como uma forma de alívio de consciência ou para conversarem com o seu eu interior, outros trocam cartas ou email com um amigo, etc... Desta forma, acredito que a palavra surge como um símbolo de compreensão e comunicação entre eu e eu mesmo, entre eu e o outro, além de nos identificar em uma determinada cultura, origem e meio social.

### - Porque a escolha de mapas da Era Edo?

Os mapas foram um “achado”. Eu os encontrei numa feira de livros no centro de Tóquio quando estava “descobrimdo” a cidade, e acredito que eles possuem muitos elementos simbólicos da cultura japonesa. É possível analisar não só os elementos físicos da cidade de Edo (Tóquio) de 200 anos atrás, como também suas origens, seus povos e suas tradições. No mapa, que também está exposto no MAC, estão descritos os sobrenomes das famílias abastadas, o comércio local e os templos religiosos; um google map feudal.

Então, para mim o mapa simboliza a cultura japonesa como um todo. Ao recortá-la e transformá-la em colagens, dou um novo significado e crio um novo mapa, uma nova cidade e com uma visão muito pessoal. Por que pessoal?

No Brasil, os descendentes de japoneses geralmente, crescem e são considerados “japoneses”; estão acostumados a comer comida japonesa, ouvir o idioma dentro de casa e seguir certos rituais e tradições típicas do povo japonês. Minha mãe é nissei, a segunda geração nascida no Brasil e ela cresceu num ambiente muito mais fechado e isolado que o da minha geração e acreditava que o Japão era o seu país de origem. Os hábitos e os costumes que ela aprendeu com a minha avó, foram passados para mim e meus irmãos. E a minha infância foi repleta de estórias infantis, músicas e brincadeiras japonesas. Então, o Japão era o país imaginário sempre presente dentro de casa, mas que ninguém conhecia.

Quando eu vim para o Japão pela primeira vez, foi um choque cultural muito grande. Aquele país que até então eu tinha conhecimento, na verdade era apenas uma lembrança da minha infância. Assim, quando eu recorto o mapa e o tranformo em minhas direções, de uma forma lúdica posso caminhar, entrar nas casas e navegar pelos rios do “meu” Japão.

### - A Era Edo foi um período de isolamento do Japão, certo? Diferentemente do que acontece hoje, principalmente na relação Brasil-Japão e do que aconteceu com você (como você diz na relação Japão-Brasil-Japão). Você acredita que intercambios culturais valorizam a arte ou tiram a identidade de cada cultura e conseqüentemente as manifestações artísticas de cada lugar?

Acredito que dentro da Arte Contemporânea ou da cultura em geral é importante sim estes intercâmbios, mesmo porque “nenhum homem é uma ilha”. Até mesmo aqui no Japão, que é um arquipélago totalmente isolado.

Mas os intercâmbios só são válidos quando temos conhecimento das nossas origens e tradições. Acredito que a Arte está intimamente ligada a vida pessoal do artista/criador; suas origens, seus conhecimentos e seu meio social. Antes de ser global, o artista precisa ser local, ele precisa pensar e ter consciência da sua realidade, mesmo que ele more lá no interior não sei onde... Mas para ser local também, é preciso estudar, pesquisar, ter curiosidade e ir além do olhar comum. As manifestações artísticas se perdem porque muitos não valorizam ou tem consciência da riqueza destas tradições. O Brasil possui uma cultura riquíssima, mas muitas vezes o que é popular, caipira ou cultura do interior não é considerado “cultura” nobre, e fica fora do circuito intelectual.

Quando sabemos quem somos e de onde viemos, qualquer manifestação vinda de fora se adapta ao meio e se transforma em um novo elemento da cultura.

Tenho uma grande admiração e me identifico muito com a cultura japonesa. Aqui, o artesanato tradicional é considerado Arte nobre e tão valorizado quanto a Arte Contemporânea. O teatro, a música e todas as outras manifestações artísticas tradicionais foram desenvolvidas particularmente no período da Era Edo, e ainda hoje são prestigiadas e respeitadas. E a Arte Contemporânea Japonesa carrega toda esta bagagem tradicional, além dos elementos globais como toda manifestação contemporânea.

- Depois de descobrir o Japão com seus próprios olhos, alguma coisa mudou no seu trabalho? Houve alguma influência?

Sempre há uma influência. Acho que em qualquer lugar que eu vá, sempre vou absorver e depois transformar em matéria prima para os meus trabalhos. Mas o Japão, em particular, possui uma relação muito mais forte com o meu trabalho e com a minha vida.

- O crítico Takeshi Kanazawa afirmou ficar surpeendido com as interpretações da cultura japonesa pelos nikkeis não japoneses, interpretação esta que nem os japoneses seriam capazes de fazer. Morando hoje no Japão, você concorda com isso?

Sim. Talvez seja porque os nikkeis que moram no Brasil possuem a vantagem de terem o olhar brasileiro e o japonês. Acho que os nikkeis podem ter tanto a ginga no pé como também a paciência digna de um monge budista. No meu caso, acredito que os ensinamentos da minha mãe foram extremamente importantes para a minha formação como pessoa e como artista. É preciso ter muita paciência para escrever e escrever...

Conteúdo [http://200.160.22.72/jornalismoexpresso/lona/index\\_lona.asp?lona=20080527](http://200.160.22.72/jornalismoexpresso/lona/index_lona.asp?lona=20080527)

Barbara Pombo